

ANÁLISE DO EPODO X DE HORÁCIO

Profa. Me Vivian de Azevedo Garcia Salema (UFRJ)

RESUMO

Horácio é um dos maiores expoentes da poesia lírica latina. A beleza de sua poesia está sobretudo em seu rico estilo poético, abundante em figuras de linguagem. Além disso, as suas produções geralmente são enriquecidas por inúmeras referências literárias, mitológicas, históricas, culturais e filosóficas. Este artigo pretende apresentar, explorando os aspectos linguísticos e literários, uma leitura do Epodo X, em que o poeta se volta contra um indivíduo chamado Mévio, o mau versejador.

Palavras-chave: Horácio, Epodo X, poesia horaciana

INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre o epodo X de Horácio e tem por principal objetivo realizar interpretações acerca desse poema, destacando as suas principais características. A partir da tradução, será feita uma análise estilístico-literária, de modo a facilitar uma compreensão mais abrangente acerca da temática abordada nessa composição.

É conveniente que se exponha, *a priori*, uma breve biografia do autor, a fim de que propicie um melhor entendimento do tema desenvolvido. O conhecimento da vida de Horácio se constitui em uma condição imprescindível para a compreensão de grande parte de sua obra, uma vez que as suas composições poéticas estão essencialmente vinculadas às suas perspectivas filosóficas, aos seus pensamentos, às suas opiniões, enfim, à sua vida.

Quinto Horácio Flaco nasceu em 8 de dezembro do ano 65 a.C. em Venússia, nos limites entre a Apúlia e a Lucânia. Era filho de um escravo liberto que trabalhava como cobrador de impostos, sendo, portanto, de origem pobre. Mesmo assim, seu pai procurou lhe proporcionar uma boa educação, levando-o para estudar em Roma.

O próprio pai incumbiu-se de transmitir a educação ligada às questões morais. Quanto à educação escolar, ele dirigiu seu filho a mestres muito conhecidos e pôde manter uma educação nas mesmas condições dos filhos das famílias mais abastadas.

Quando estudava em Roma, Horácio era instruído por Orbílio Pupilo, que lhe dava lições baseadas na obra de Lívio Andronico, a Odisséia. Aos vinte anos, Horácio foi enviado a Atenas, o maior centro cultural desta época, para que ele pudesse aperfeiçoar mais ainda seus estudos.

Quando César foi assassinado em 44 a.C., desencadeou-se uma guerra civil, na qual se enfrentaram, de um lado, os partidários de César, de outro lado, os seus adversários, liderados por Bruto e Cássio. Horácio se alistou no exército de Bruto e Cássio e combateu em Filipos. Porém não se mostrava afeito à guerra, tendo fugido da batalha quando houve uma derrota de Bruto. Assim, Horácio regressou para Roma.

Nesta época, seu pai já tinha morrido e as suas terras, confiscadas. Para se sustentar, Horácio conseguiu um emprego de escriturário. Nestas condições, aflorou a sua criatividade poética e o jovem começou a escrever versos. O jovem foi apresentado a Mecenas através de Virgílio e Vário. Inicialmente, não houve uma significativa aproximação entre eles, mas, transcorridos 9 meses, Mecenas, homem de grande notoriedade, o convocou para integrar seu círculo de artistas, tornando-o um dos poetas oficiais do Estado. E assim, cresceu uma intensa amizade entre os dois, a ponto de Mecenas conceder a Horácio um sítio, a Vila da Sabina.

Deflagrou-se um período de muitas hostilidades entre Otaviano e Marco Antonio, acarretando uma definitiva ruptura entre ambos, pois Antonio se aliou a Cleópatra, contra Roma. Horácio se colocou a favor de Otaviano. Quando este derrotou as forças adversárias, em 31 a.C., em Ácio, o jovem poeta exultou a vitória. A partir desse episódio, começou o Império.

O período de paz chegou a Roma com o imperador Augusto. O poeta regozijou-se com a volta da tranqüilidade na terra e no mar. Uma grande amizade se fortificou entre o poeta e o imperador, a ponto de Augusto ter oferecido um cargo de secretário ao grande artista, que recusou a oferta.

Augusto e Mecenas esperavam de Horácio uma dedicação na composição de poemas épicos que exaltassem a pátria e os feitos militares de heróis. Contudo, o poeta não aceitou a proposta, afirmando que não tinha talento suficiente para realizar tal desejo. Na verdade, Horácio tinha repulsa em escrever as brutalidades da guerra, preferindo compor pequenos poemas, de metros variados e de temas diversos. Ele apreciava a figura do imperador e prestava-lhe freqüentes homenagens, exaltando-o como um pacificador, contrário às guerras.

Segundo MARMORALE, Horácio “*era de baixa estatura, quase gordo, moreno, de cabelos pretos, e bom orador.*”¹ O poeta faleceu em 8 a.C., no dia 27 de novembro, alguns meses após a morte de Mecenas, ao qual jurara não sobreviver. Foi sepultado ao lado de seu amigo Mecenas, em Esquilino.

A obra horaciana é vasta. Suas composições foram publicadas entre 41 a 13 a.C.. A parte satírica (as Sátiras e os Epodos) foi publicada de 41 a 30. O livro primeiro em 35 e o livro segundo em 30, ambos baseados em Lucílio. Os Epodos foram publicados em 30, tendo por modelo Arquíloco de Paros.

Os três primeiros livros das Odes foram publicados do ano 30 ao 23, baseados nos modelos de Alceu, Safo e Anacreonte. O primeiro livro das epístolas foi publicado em 20 e o segundo, em 15. O canto Secular aparece em 17 a.C.. E finalmente, em 13, publica o quarto livro das odes.

Epodo X

In Maevium poetam

Mala soluta nauis exit alite

ferens olentem Meuium;

ut horridis utrumque uerberes latus,

Auster, memento fluctibus;

niger rudentis Euris inuerso mari 5

fractosque remos differat,

insurgat Aquilo, quantus altis montibus

frangit trementis ilices,

nec sidus atra nocte amicum appareat,

qua tristis Orion cadit, 10

quietiore nec feratur aequore

quam Graia uictorum manus,

cum Pallas usto uertit iram ab Ilio

in inpiam Aiakis ratem.

O quantus instat nauitis sudor tuis 15

tibique pallor luteus

et illa non uirilis heiulatio

¹ MARMORALE, *História da Literatura Latina*. p. 232

*preces et auersum ad Iovem,
Ionius udo cum remugiens sinus
Noto carinam ruperit.
Opima quodsi praeda curuo litore
porrecta mergos iuuerit,
libidinosus immolabitur caper
et agna Tempestatibus.*

20

Tradução

Sai do porto, com mau auspício, a nau, levando o fétido Mévio. Lembra-te, ó Austro, de bater ambos os lados com terríveis ondas. Revolvendo o mar, que o tenebroso Euro disperse os cabos e os remos quebrados. Que, sobre as altas montanhas, o Aquilão surja quão grande que destrói as agitadas azinheiras. Que não apareça astro favorável na sombria noite em que o irado Oríon se põe, nem que seja levado em mar mais tranqüilo do que tropa Grega dos vencedores, quando, incendiada Tróia, Palas voltou a ira contra a ímpia nau de Ájax. Ó quanto suor haverá em teus nautas, e a amarela palidez em teu rosto, lamentações não próprias de homem e preces dirigidas ao adverso Júpiter, quando a baía Jônia com o umedecido Noto, retumbando, destruírem tua nau. Se, presa gorda, fores estirado na praia curva, será útil aos mergulhões, serão sacrificados um libidinoso bode e uma cordeira às Tempestades.

ANÁLISE ESTILÍSTICO-LITERÁRIA

Julga-se necessário que sejam realizados brevemente alguns apontamentos a respeito da poesia lírica, uma vez que Horácio é um dos maiores representantes desse gênero em Roma, na época de Augusto.

Essa poesia, que floresceu na Grécia, é denominada lírica porque o instrumento musical que era habitualmente utilizado durante a sua recitação era a lira (utilizava-se também a flauta). No conceito grego, a lírica caracteriza-se pela união da música com a palavra. Uma de suas principais características é a expressão de um eu, em que se revela sempre um sentimento, uma emoção. Daí o caráter subjetivo desse tipo de composição.

Essa poesia cantada ao som da lira podia se manifestar por uma única voz (monódica) ou por um coro (coral). Na lírica monódica, o compositor expressava suas

próprias emoções, já na poesia coral, o poema era cantado por muitas vozes e era apresentado nas festividades. No lirismo monódico estão a elegia, o iambo e a ode.

Houve uma forte influência da lírica grega sobre a poesia romana e prosperou, sobretudo, durante a época do imperador Augusto (63 a.C. – 17 d.C.), que foi um grande incentivador das artes. Esse período foi considerado áureo da poesia latina, em que se desenvolveram plenamente os gêneros épico e lírico.

A lírica, diferentemente da epopéia, liga-se à subjetividade e o escritor passa a falar por si mesmo, sem se prender às questões métricas. A extensão do poema lírico é menor e seus assuntos focalizam as circunstâncias imediatas e estão voltados para a realidade humana.

Nesse tipo de poema, devido à inconstância do mundo subjetivo, há a predominância de criação de novos ritmos. Ao contrário da épica, a lírica dispõe de uma grande variedade de metros. Os ritmos são variados por causa da expressão de sentimentos do poeta.

Os Epodos, obra de juventude de Horácio, constituem-se em 17 poemas que foram escritos simultaneamente ao primeiro volume das Sátiras, entre 41 e 30 a.C. O poeta os intitulou de iampos, mas os gramáticos os chamaram de Epodos, devido ao metro que consta de um verso longo seguido de um outro menor, compondo-se de uma dipodia. Essas composições de Horácio, à moda de Arquíloco de Paros, tratam de assuntos muito variados, desde violentas hostilidades até expressões sentimentalistas.

O iambo foi reconhecido como literário a partir do poeta grego Arquíloco de Paros. Seu ritmo, devido ao dinamismo e à vitalidade, se adapta à diatribe e à sátira. A sua origem está ligada aos cultos de Deméter e Dioniso, que eram realizados para que as terras, bem como os animais e o próprio homem, se tornassem férteis.

Os poemas iâmbicos possuem caráter popular e tratam de matérias mais próximas à realidade do homem com tom mais grosseiro, em que há o ataque pessoal, a fábula, o escárnio e até mesmo a palavra obscena.

A partir do esclarecimento já exposto, urge que seja apresentada a análise propriamente dita. Este poema se trata de um ataque pessoal, em que Horácio se volta contra um poeta chamado Mévio, também mencionado sarcasticamente na terceira bucólica de Virgílio. Nos versos aqui estudados, Mévio é alvo de zombaria e críticas, representando a má poesia.

A respeito de Mévio, sabe-se que foi um poeta da Gália Cisalpina, que fez uma viagem para Roma, vinculando-se às tendências culturais do neoterismo, que, na época

de Augusto, estava em processo de decadência. Horácio, que era favorável ao classicismo e totalmente contrário aos propósitos neotéricos, alimentou uma grande hostilidade por tal poeta.

Nessa composição, Horácio extravasa um forte sentimento de repugnância para com esse poeta, que é classificado como “*olentem Mevium*”. Essa atribuição pode ser compreendida pelo sentido conotativo que o termo *olentem* apresenta nesses versos. Essa palavra dispõe de um sentido não literal, com uma nova significação, de modo a expressar as más qualidades de Mévio, que seriam representadas por seu “mau cheiro”.

A figura, portanto, que tem esse propósito é chamada de **Metáfora** – em que o sentido primeiro da palavra é alterado, dando-se uma nova significação, por uma relação de semelhança. Esse odor seria, então, proveniente da mediocridade na arte de compor versos e da lascívia que esse personagem representaria para Horácio.

O autor manifesta o seu desejo impetuoso de que Mévio sofra muitas desventuras em alto mar. Com essa finalidade, ele evoca a natureza a fim de que esta impeça uma navegação tranqüila, causando muito infortúnio a Mévio e a seus marinheiros.

Em muitas passagens, Horácio clama aos fenômenos da natureza para que se voltem contra a nau que leva o infecto homem. Inicialmente, refere-se ao vento Sul – o “*Auster*” – exortando-o a se lançar de tal modo violento em direção à nau, atingindo com bravias ondas as duas partes laterais da embarcação: “*ut horridis utrumque uerberes latus, / Auster, memento fluctibus;*”².

Essa exortação fica mais evidente com o uso do verbo no modo imperativo “*memento*”, mostrando maior intensidade a ânsia do autor. E o presente do subjuntivo em “*uerberes*”, por sua vez, reforça ainda mais esse desejo de Horácio.

Constata-se, ainda, o uso de uma figura chamada **Prosopopéia** (ou Personificação), em que características humanas são atribuídas a animais ou a seres inanimados. Quando o poeta se dirige ao vento sul, ordenando-lhe a investir contra a nau de Mévio, está lhe conferindo características humanas. A natureza, deste modo, está sendo personificada, uma vez que ela se dá de forma independente, sem interferência humana.

Nos versos seguintes, “*niger rudentis Eurus inuerso mari / fractosque remos differat;*”³, outro vento é solicitado para arruinar a viagem do gaulês. O “*Eurus*” – vento

² Epodo X, 3-4.

³ Epodo X, 5-6.

de sudeste – é invocado para dispersar as partes já destruídas da nau, de maneira a agitar ainda mais o mar. O autor o qualifica como “*niger Eurus*”, ou seja, o vento que traz temporal e trovoadas. Esse qualificativo se refere ao céu que se enegrece com as nuvens, devido às fortes tempestades.

Observa-se em “*niger rudentis Eurus inuerso mari/ fractosque remos differat,*” a repetição do som produzido pelo “r” vibrante, indicando a **Aliteração** – figura que se define como uma seqüência de sons semelhantes. Através desse recurso, desenha-se uma imagem de que a força do vento é implacável e destruidora, gerando um efeito sonoro semelhante ao de uma nau em dissipação.

“*Aquilo*” é um outro vento a que Horácio recorre, conforme consta em: “*insurgat Aquilo, quantus altis montibus/ frangit tremantis ilices,*”⁴. Espalhados os remos e as amarras no mar, o Aquilão – vento norte – é solicitado a insurgir-se tão violentamente a ponto de despedaçar as azinheiras, que se agitam pela força da ventania, sobre as altas montanhas.

Em “*nec sidus atra nocte amicum appareat, / qua tristis Orion cadit,*”⁵, Horácio remete-se aos astros, declarando que nenhum astro favorável há de aparecer nessa escura noite, ao se pôr o Triste Oríon. Observa-se a ênfase dada à palavra “*nocte*” com o uso do adjetivo “*atra*”. A noite se caracteriza pela escuridão e o adjetivo que acompanha o termo “*nocte*” apresenta também esse sentido de “negro, escuro”. Desta forma, o poeta intensifica a imagem produzida pela noite, como algo sombrio e fúnebre.

Horácio se utiliza também de seus conhecimentos mitológicos, e menciona o nome de Oríon, também para se referir à noite, em que essa constelação se mostra. Oríon é uma divindade secundária, que se fixa entre o Olimpo e a superfície da Terra, na região etérea.

Segundo a mitologia, Oríon era filho de Netuno e de Euríale, filha de Minos. Alimentava um grande amor pela Astronomia e mostrava grande paixão pela caça. Distinguia-se pela sua beleza, e era de uma estatura gigantesca. Era tão gigante que quando andava sobre o mar, somente a sua cabeça era vista. Sem querer, Diana o atingiu com suas mortais flechas, tirando a vida do belo Oríon. A deusa então pediu a Júpiter que Oríon fosse colocado no céu, sendo a mais resplandecente e esplêndida das constelações. Nos céus, Oríon costuma em muitas noites percorrer os espaços celestes

⁴ Epodo X, 7-8.

⁵ Epodo X, 9-10.

com sua matilha, revelando ser um incansável caçador. Essa divindade, pois, é uma constelação de 17 estrelas cujo nascimento e ocaso se dão com fortes tempestades.

Nos próximos versos, “*quietiore nec feratur aequore / quam Graia uictorum manus / cum Pallas uertit iram ab Ílio / in inpiam Aiakis ratem.*”⁶, o autor alude à guerra de Tróia, que também consiste numa figura de pensamento, a **Alusão** – referência a um fato ou personagem conhecidos. Quando os gregos voltavam vencedores da guerra foram acometidos por tenebrosas tempestades, ocasionadas pela ira de Palas (ou Minerva), deusa da sabedoria e da guerra. Abrasada Tróia, a implacável Palas voltou-se contra a nau de Ajax, filho de Oileu. Ajax havia ultrajado de maneira mais indecorosa a filha de Príamo, Cassandra⁷, que na noite da tomada de Tróia refugiara-se no templo de Palas.

O poeta qualifica Ajax de ímpio conforme consta no verso 14: “*in inpiam Aiakis ratem*”. Nota-se o uso da **Hipálage**, a figura que consiste em atribuir-se a um termo um qualificativo que pertence a outro. No verso 14, o adjetivo “*inpiam*” está ligado ao substantivo “*ratem*”, isto é, a nau ímpia de Ajax. Essa qualidade, na verdade, pertence ao próprio Ajax, que, pela sua atitude ignominiosa com Cassandra, se tornou ímpio. O escritor se utilizou deste recurso para dar maior destaque à nau, que fora destruída pela fúria de Palas.

Assim, referindo-se a esse episódio, Horácio deseja que o mar esteja tão agitado quanto estava na noite do naufrágio dos vencedores da guerra de Tróia. E espera, ainda, que os navegantes suem muito, pelo grande esforço na tentativa de se salvarem dessas desgraças. Que a palidez se alastre no semblante de Mévio devido ao intenso terror, lamentando-se com gritos não próprios de homem e suplicando inutilmente o auxílio a Júpiter. O suor dos nautas, pois, representa o esforço e a palidez de Mévio, o medo profundo. Júpiter é outra citação mitológica, sua figura representa o pai dos deuses e dos homens que reina no Olimpo.

O substantivo “*pallor*” está sendo qualificado por “*luteus*”, e traduz por “a palidez amarela”. Constata-se o uso do **Pleonasmo** - a figura que se caracteriza pela

⁶ Epodo X, 11-14.

⁷ De acordo com a mitologia, Cassandra, filha de Príamo e de Hécuba, encantou com sua beleza o deus Apolo, que lhe permitiu o dom da profecia. Porém, não sendo correspondido, esse deus se arrependeu de ter concedido o dom de predizer. Não podendo retirar essa dádiva, ele a condenou à descrença de todos em relação aos seus vaticínios. Cassandra chegou a predizer as desgraças que ocorreriam em sua pátria e foi contrária à entrada do cavalo de pau em Tróia, mas ninguém deu crédito aos seus lamentos.

redundância com a finalidade de intensificar uma determinada idéia – que é empregado com o intuito de dar maior relevância ao sentido da palavra.

Ao se referir aos gritos de Mévio, no verso 17, o escritor revela serem lamentações não viris: “*et illa non uirilis heiulatio*”. Isto é, gritos característicos de mulher, queixas efeminadas. Nota-se a figura chamada **Litote** que consiste em atenuar uma determinada idéia, mediante a negação do contrário que se pretende dizer. Isto é, em vez de o autor dizer que eram gritos efeminados, ele preferiu dizer que são lamentações não másculas. Embora esse recurso produza um efeito atenuante nesse verso, não deixa de apresentar um tom sarcástico.

Em “*O quantus instat nauitis sudor tuis/ tibi**que** pallor luteus/ et illa non uirilis heiulatio/ preces et auersum ad Iovem,*”⁸, percebe-se a repetição da conjunção coordenativa aditiva, grifada acima, estabelecendo a ligação entre as orações. Essa reiteração do conectivo caracteriza a figura de construção **Polissíndeto**.

Nos versos seguintes, “*Ionius udo cum remugiens sinus / Noto carinam ruperit. / Opima quodsi praeda curuo litore / porrecta mergos iuuerit,*”⁹, Horácio menciona o nome de *Notus* – que é o mesmo que Austro - o vento do sul. Ele anseia que este vento, juntamente com o golfo Jônio, destrua a nau de Mévio, que, jogado sobre a praia, servirá de alimento às aves aquáticas. Entende-se nessa passagem que a hostilidade do autor em relação ao seu inimigo literário é tamanha que além de desejar que ele seja acometido por terríveis tempestades, anseia também que este sirva de pasto às aves marinhas.

Sarcasticamente, Horácio remete-se a Mévio através da construção “*opima praeda*”, mostrando que seu inimigo não prestaria como um bom compositor de versos, mas serviria como uma fértil comida para os mergulhões.

Nos últimos versos, “*libidinosus immolabitur caper / et agna Tempestatibus.*”¹⁰, concretizados os anseios do escritor, este oferecerá em sacrifício às Tempestades, um “*libidinosus caper*” e uma “*agna*”. Depreende-se que o animal ao qual o poeta se refere - o libidinoso bode - corresponda ao versificador medíocre, pois o termo latino “*caper*” tomado em sentido figurado significa mau cheiro. No segundo verso desse poema, Horácio já havia qualificado o poetaastro como um mal cheiroso, chamando-o de “*olentem Mevium*”.

⁸ Epodo X, 15-18.

⁹ Epodo X, 19-22.

¹⁰ Epodo X, 23-24.

Convém apontar que os ventos mencionados também são mitológicos: Austro (ou Noto), Euro e Aquilão. Conforme a mitologia, estes são divindades poéticas, filhos do Céu e da Terra. Éolo é o rei que, subordinado a Júpiter, está encarregado de mantê-los aprisionados nas cavernas profundas. Estes Ventos são contidos nessa prisão e seus murmúrios são intensos e constantes, a pedir liberdade. Desencadeando-se, estes agitam, com fúria, o mar, provocando fortes tempestades.

O Austro, que também é chamado de Noto, é o vento do sul, quente e tempestuoso. Já o Euro vem do Oriente, é descrito como sendo um vento impetuoso, que incita as tempestades. O Aquilão, por sua vez, é um vento do Norte, frio e violento.

A tempestade, assim como os Astros, Oríon e os Ventos, representa uma divindade subolímpica, que reina entre o Olimpo e a superfície da Terra. No último verso, o autor se remete às Tempestades, afirmando que serão oferecidas em sacrifício a estas um bode e uma ovelha, após a morte de seu inimigo.

CONCLUSÃO

A partir do exposto, pode-se concluir que o epodo X de Horácio é um poema que visa à crítica sarcástica. É desenvolvido com a finalidade de ataque pessoal, com estruturação meticulosa e muito apurada.

Nesses versos, o escritor narra a trajetória marítima turbulenta de Mévio, a quem se destinam seus agouros. Ele evoca todos os ventos a sublevarem-se contra a embarcação do mau poeta.

Com uma linguagem riquíssima e cuidadosa, Horácio pinta um cenário chocante, que revela todo seu desafeto para com seu inimigo versejador. Ele recorre não só às figuras de linguagem, mas às referências mitológicas, mostrando-se, desta forma, um grande e erudito compositor, abundante em *ars* e *ingenium*.

Desta forma, todo o engenho poético se evidencia nesse epodo, estabelecendo uma oposição entre o próprio escritor – Horácio - e o seu inimigo – Mévio. Deste modo, Horácio se apropria de toda técnica e talento poéticos com o propósito de censurar as produções de um mau escritor.

Convém, por fim, apontar a imagem que esse poema produz, revelando a rigorosidade da natureza, a sua força arrebatadora e inquestionável. O mar, os ventos, as tempestades superam a força humana quando revolvidos. Os fortes e contínuos ventos,

as turbulentas tempestades, os destroços espalhados pelo mar, as ondas gigantescas, o céu enegrecido e os nautas em desespero, essa é a imagem produzida com a leitura desses versos. A riqueza lingüística, estilística, literária e mitológica que envolve esse poema horaciano é admirável.

BIBLIOGRAFIA

CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. SP: Ática, 1986.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. SP: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1991.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma – Antiguidade Clássica II*. Petrópolis: Vozes, 1987.

HORACE. *Odes et Épodes*. Tradução de F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

MARMORALE, Enzo V. *História da Literatura Latina*. Tradução de João Bartolomeu Júnior. Lisboa: Editorial Estúdios Cor. 1987. v.1.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. De Manuel Rosa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1985.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da Mitologia Latina*. São Paulo: Cultrix, 1987.

_____. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, [s.d.].